

FACULDADE JK DE TECNOLOGIA

UNIÃO NACIONAL DE ANALISTAS TRANSACIONAIS –
UNAT- BRASIL

UM DIÁLOGO ENTRE OS ESTADOS DE EGO CRIANÇA E
PADRÕES DE APEGO, NA CONSTRUÇÃO DE NOVOS CAMINHOS A
PRÁTICA CLÍNICA EM PSICOLOGIA.

**UM DIÁLOGO ENTRE OS ESTADOS DE EGO CRIANÇA E
PADRÕES DE APEGO, NA CONSTRUÇÃO DE NOVOS CAMINHOS A
PRÁTICA CLÍNICA EM PSICOLOGIA.**

DANIELLE CRISTINA CARNEIRO

UBERLÂNDIA – MG

2014

DANIELLE CRISTINA CARNEIRO

UM DIÁLOGO ENTRE OS ESTADOS DE EGO CRIANÇA E
PADRÕES DE APEGO, NA CONSTRUÇÃO DE NOVOS CAMINHOS A
PRÁTICA CLÍNICA EM PSICOLOGIA.

A DIALOGUE BETWEEN THE STATES OF CHILD EGO AND
STANDARDS OF ATTACHMENT, IN THE CONSTRUCTION OF NEW PATHS TO
CLINICAL PRACTICE IN PSYCHOLOGY.

DANIELLE CRISTINA CARNEIRO

Psicóloga de 1ª e 2ª graduação

UNAT BRASIL União Nacional de Analistas Transacionais

Resumo: Ao contemplarmos os Estados de Ego Criança em Ego Borne e os Padrões de Apego em Mary Ainsworth, propomos-nos a estabelecer uma ponte entre as duas perspectivas conceituais. O objetivo é discutir as implicações das diferenças comportamentais dos Estados de Ego, o que nos permite estabelecer uma compreensão mais ampla das relações de apego e da prática clínica.

Abstract: As we contemplate the Child Ego States in Ego Borne and the Patterns of Attachment in Mary Ainsworth, our objective was to talk about possible conceptual positions. For this dialogue we discuss the implications of the behavioral aspects of the States of Ego, which would allow us better understanding and establishing of how we behave in our relationship.

Keywords: Child Ego States. Patterns of Attachment. Transaccional.

Orientador: Ede Lanir Ferreira Paiva

Introdução

A proposta do presente trabalho é promover o diálogo e a articulação das concepções de Ego Borne e Mary Ainsworth e apresentar uma proposta conceitual, na prática de Análise Transaccional.

UBERLÂNDIA – MG

2014

* Contato: Psicóloga pela Universidade Federal de Uberlândia, e-mail: daniellecristina@ufu.br

UM DIÁLOGO ENTRE OS ESTADOS DE EGO CRIANÇA E PADRÕES DE APEGO, NA CONSTRUÇÃO DE NOVOS CAMINHO A PRÁTICA CLÍNICA EM PSICOLOGIA.

A DIALOGUE BETWEEN THE STATES OF CHILD EGO AND STANDARDS OF ADDICTION, THE CONSTRUCTION OF NEW WAY TO CLINICAL PRACTICE IN PSYCHOLOGY.

DANIELLE CRISTINA CARNEIRO*

Faculdade JK de Tecnologia

UNAT-BRASIL- União Nacional de Analistas Transacionais

Resumo: Ao contemplarmos os Estados de Ego Criança em Eric Berne e os Padrões de Apego em Mary Ainsworth, propusemos-nos a dialogar cerca de possíveis semelhanças e diferenças entre duas posições conceituais. Deste diálogo foi vislumbrada a possibilidade de utilização da descrição dos aspectos comportamentais dos Padrões de Apego, após o diagnóstico dos Estados de Ego, o que nos permitiria melhor visualização e compreensão do modo como nos comportamos em nossos relacionamentos.

Palavras-chave: Estados de Ego Criança. Padrões de Apego. Análise Transacional.

Abstract: As we contemplate the Child Ego States in Eric Berne and Attachment Patterns in Mary Ainsworth, our objective was to talk about possible similarities and differences between two conceptual positions. For this dialogue was glimpsed the possibility of using the description of the behavioral aspects of the Standards Attachment after diagnosis of Ego States, which would allow us better visualization and understanding of how we behave in our relationships.

Keywords: Child Ego States. Patterns of Attachment. Transactional Analysis.

Introdução

A proposta do presente trabalho é promover o diálogo e a articulação dos conceitos de Eric Berne e Mary Ainsworth e apresentar uma possível contribuição à clínica da Análise Transacional.

* Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia. carneiro2012@yahoo.com.br.

A Análise Descritiva da teoria dos Estados de Ego Criança, de Eric Berne, revela os principais comportamentos desses Estados de Ego, que se subdividem em: Criança Natural, Criança Adaptada e Criança Rebelde (BERNE, 1985), tendo em vista tanto suas qualidades positivas quanto negativas. A teoria dos Padrões de Apego, de Mary Ainsworth, descreve-os divididos em: Padrão de Apego Seguro, Padrão de Apego Inseguro Ansioso Evitativo e Padrão de Apego Inseguro Ansioso Ambivalente, tendo em vista as vinculações primárias estabelecidas precocemente entre bebê e cuidador, que os configuram (AINSWORTH, 1978). Tais padrões permitem visualizar características comportamentais em cada tipo de apego estabelecido na infância e que se reproduzem nos relacionamentos na fase adulta.

A partir de uma comparação entre os Estado de Ego Criança Natural e o Padrão de Apego Seguro, o Estado de Ego Criança Rebelde e o Padrão de Apego Inseguro Ansioso Evitativo, o Estado de Ego Criança Adaptada e o Padrão de Apego Inseguro Ansioso Ambivalente. O objetivo deste estudo teórico é realizar uma aproximação entre o conceito de Estados de Ego Criança de Eric Berne e o conceito de Padrões de Apego de Mary Ainsworth do modo como é utilizado por Gilda Maria Castanho Montoro, com vistas a identificar possíveis conexões que favorecem a prática clínica do psicoterapeuta.

Os Estados de Ego Criança

Segundo Berne (1985), nossa personalidade é constituída por três Estados de Ego: Pai, Adulto e Criança, que são coexistentes em nós. Os Estados de Ego são um conjunto de sentimentos, atitudes e padrões de comportamentos característicos de cada Estado – Pai, Adulto e Criança. Deste modo, no modelo conceitual descrito por Berne em 1961, cada Estado de Ego, por ser um conjunto de sentimentos, comportamentos e atitudes, pode ser descrito em três dimensões:

Um Estado de Ego pode ser descrito fenomenologicamente como um sistema coerente de sentimentos relacionados a um dado sujeito, e operacionalmente como um conjunto de padrões de comportamentos; ou pragmaticamente, como um sistema de sentimentos que motivam um conjunto relacionado de padrões de comportamentos (BERNE, 1985, p. 17).

Além do modelo conceitual, os Estados de Ego podem ser compreendidos pelo modelo estrutural, que se refere à dinâmica psíquica interna, que, por sua vez, pode ser apenas deduzida, e pelo modelo descritivo, que se refere à dinâmica perceptível externamente,

expressa por meio dos comportamentos. Assim, todo comportamento explícito deriva de uma estrutura implícita.

Frente aos objetivos do presente trabalho, nos ateremos à Análise Descritiva. Na mesma ocorre uma subdivisão de dois dos Estados de Ego. Para Berne (1985), o Estado de Ego Pai se divide em Pai Crítico e Pai Nutritivo, enquanto o Estado de Ego Criança se divide em Criança Natural, Criança Adaptada e Criança Rebelde.

Quanto aos aspectos comportamentais de tais estados, Berne (1961, p. 76-78) assim os descreve:

O Pai preconceituoso (Crítico, Controlador) é manifestado como um conjunto de atitudes ou parâmetros aparentemente arbitrários e não – racionais geralmente proibitivos por natureza, que podem ser sintônicos ou distônicos com a cultura local... O Pai Nutritivo é geralmente manifesto com simpatia por outro indivíduo, o que novamente poder ser culturalmente sintônico ou distônico... A Criança Adaptada é manifestada com comportamento que se infere que esteja sob dominância de influência parental como submissão e retraimento. A Criança Livre é manifestada por formas autônomas de comportamentos como rebeldia e comodismo. É diferenciada do Adulto autônomo pela ascendência de processos mentais arcaicos e do tipo diferente de teste de realidade.

Interessa-nos o Estado de Ego Criança em sua dinâmica perceptível externamente, expressa por meio dos comportamentos observáveis. Assim nos ateremos, portanto, à descrição dos Estados de Ego Criança em sua dimensão operacional.

Segundo Berne (1961), fazem parte do Estado de Ego Criança “aqueles pensamentos, sentimentos e comportamentos que são reminiscência da infância, as fixações do passado” (BERNE apud ERSKINE, 1998, p. 31). Como vimos anteriormente, o Estado de Ego Criança subdivide-se em Criança Natural, Criança Adaptada e Criança Rebelde, e cada uma dessas subdivisões apresentam aspectos comportamentais positivos e negativos: “cada Estado de Ego tem, ao mesmo tempo, vantagens (qualidades positivas ou o potencial para causar prazer) e desvantagens (qualidades negativas ou o potencial para causar dor ou desconforto)” (WOOLAMS; BROWN, 1979, p. 33).

A fim de visualizar melhor as características comportamentais de cada Estado do Ego Criança em suas qualidades positivas e negativas, elaboramos o seguinte quadro descritivo, que tem como base as descrições de Berne (1974, 1985) e de seus estudiosos e comentadores.

Estado de Ego Criança	Qualidades positivas	Qualidades negativas
Estado de Ego Criança Adaptada Age em conformidade, com a influência parental e com a cultura na qual encontra-se inserido. Com condescendência e retraimento.	Possui a habilidade de ser paciente e tolerante com as outras pessoas, geralmente escuta os outros.	Pode concordar com quase tudo, mesmo se as ordens lhe forem prejudiciais, agindo de forma disciplinada, submissa, conformada com as mensagens, podendo, deste modo, agir de acordo com as expectativas dos outros, abrindo mão de sua autonomia e liberdade de escolha.
Estado de Ego Criança Rebelde Trata-se de uma forma de adaptação inversa, por comportamentos que contrariam padrões e expectativas parentais através de comportamento de oposição rebeldia.	Possui autonomia, opinião.	Opositora, desafiante, provocadora, competitiva, hostil, fria emocionalmente, falta de intimidade. Na descrição de Berne, a criança rebelde se opõe àquilo que mais gostaria de ter e não teve – o contato afetivo.
Estado de Ego Criança Natural Expressa sob forma autônoma de comportamento.	Podemos observar a criatividade, autenticidade espontaneidade, humor, diversão, curiosidade, vida sexual intensa, autonomia, intimidade, emoções autênticas.	Pode atrapalhar os processos de tomada de decisão, depender dos outros para cuidar de suas necessidades e pode parecer insana, comportamento, impulsivo, egocêntrico e auto-indulgente.

Quadro construído com base nas referências: Berne (1974, 1985), Krausz (1999), Woolams e Brown (1979), James e Jongeward (1975), Stewart e Jones (1991) e Kertész (1987).

É importante destacar que todos os indivíduos possuem dentro de si os três Estados de Ego Criança, e podemos observar no dia a dia manifestações comportamentais desses estados, o que implica a existência de uma dinâmica da personalidade. Essa movimentação refere-se a catexia que segundo Berne (1985) é o potencial energético dos Estados de ego, energia psíquica. Assim o poder executivo da personalidade é assumido pelo Estado de Ego que possui maior catexia, e, dependendo do Estado de Ego em que essa força estiver maior, atuaremos com os comportamentos característicos de tal Estado de Ego.

O conceito de apego em John Bowlby e os padrões de apego em Mary Ainsworth.

Bowlby (2006), ao falar sobre a personalidade, afirma que o vínculo cuidador-bebê influencia significativamente no desenvolvimento da personalidade, e define o comportamento de apego: “qualquer forma de comportamento que resulta em uma pessoa alcançar e manter proximidade com algum outro indivíduo, considerado mais apto para lidar com o mundo.” (BOWLBY, 1989, p. 38). Tal comportamento é expresso por meio do choro, agarramento, aconchego, contato visual e sorriso geralmente ocorrem em situações que colocam em risco a segurança e integridade do bebê. Os sinais emitidos pelo bebê poderão resultar na aproximação do cuidador, que fará, ou não, com que a criança sinta-se segura e confortável, tornando-a apegada. Quando o cuidador funciona como uma espécie de base segura, a criança então explorará o mundo, dando prosseguimento ao seu desenvolvimento.

Segundo Bowlby (2002), no sistema de apego, a criança vai reagir de acordo com a disponibilidade, a receptividade e o apoio das pessoas. Assim, os cuidadores serão percebidos pelas crianças de três modos: acessíveis, sem resposta ou inconsistentes, e tais percepções vão permitir a formação de dois tipos de apego: seguro e inseguro. Assim desenvolvem-se os modelos representacionais, que funcionam como um filtro de percepção que exerce a função de organizador da experiência e tende a assimilar informações dentro do modelo, e aquelas que não se encaixam tendem a ser descartadas ou reinterpretadas. “Uma vez desenvolvidos, os modelos representacionais têm a função heurística, na medida em que servem de guia para ações e planos de como se comportar nas relações afetivas de maior importância [...]” (MONTORO, 2004, p. 123). De acordo com Bowlby (1989), o modelo representacional pode ser classificado como seguro e inseguro.

No modelo representacional seguro, o sujeito percebe a si mesmo como merecedor e capaz de conseguir apoio e conforto quando necessita, percebendo o outro como psicologicamente disponível e receptivo. Por outro lado, no modelo representacional inseguro,

o sujeito pressupõe a inconsistência e a rejeição por parte do outro, imagina ter pouco valor e pouca capacidade de buscar atenção e apoio.

Bowlby desejava descobrir os padrões de interação familiar envolvidos no desenvolvimento saudável e patológico. Em 1978 Mary Ainsworth aluna de Bowlby, desenvolve um sistema de avaliação denominado *Strange Situation*, em que foram observadas, em detalhe as reações da criança na interação com seu cuidador, em especial como a mesma utilizava a mãe como base segura para a exploração do meio, como respondia aos episódios de separação da mãe e na presença de um estranho. Essa avaliação deu origem ao primeiro sistema de classificação do apego, categorizado em: padrão seguro, padrão inseguro ansioso ambivalente e padrão inseguro ansioso evitativo. Montoro (1982) descreve sobre os três tipos de apego em seu texto "*O apego*" presente no livro "*Temas em Terapia Familiar*" organizado por Tai Castilho. Sobre o padrão de Apego Seguro, Montoro (2001, p. 50; 57) esclarece:

Este padrão de apego seguro está enraizado em cuidado confiável, especialmente sensível e responsivo à expressão de necessidade da criança. Esses bebês possuem expectativas positivas quanto ao comportamento da mãe, usam sua proximidade como base segura a partir da qual podem explorar o mundo, quando aflitos buscam a mãe ativamente e quando a encontram, deixam-se confortar, sem raiva nem ambivalência. [...] A criança de apego seguro é mais feliz, menos exigente, não exaure os pais ou outros adultos com demandas contínuas ou excessivas nem os afasta com frieza, portanto é mais bem aceita. Além disso, é clara e não ambivalente ao mostrar seu amor pelos pais e pouco os rejeita; o afeto que demonstra é um poderoso reforço para os sentimentos amorosos dos pais. Por ser otimista e ter expectativas positivas quanto ao mundo, é mais tolerante com as experiências negativas de frustração e rejeição.

De acordo com Bowlby (1989), depois dos três anos, o padrão de apego, que poderá ser: seguro, inseguro ansioso evitativo ou inseguro ansioso ambivalente, torna-se uma característica da personalidade, vai sendo internalizado e se reproduz nas nossas relações. Assim, tendo em vista a extensão do apego na fase adulta, Montoro (2004) descreve as características prováveis na fase adulta dos três tipos de apego, tendo por base as pesquisas de vários pensadores sobre o assunto. A autora, afirma que as pessoas com padrão de Apego Seguro apresentam equilíbrio entre autonomia e proximidade, desejo de intimidade, satisfação com os parceiros, relações duradouras. Assim para Koback e colaboradores (1993), na busca de conforto e proximidade, os sujeitos com esse padrão de apego utilizariam estratégias criativas.

Já o padrão de Apego Ansioso Inseguro Evitativo, é assim descrito por Montoro (2001, p. 51; 58):

Esse padrão é propiciado por mães que têm horror de contato físico e ou frieza e indiferença emocional e ou demonstram raiva e agressividade frente às demandas do bebê, nos casos mais graves, submetem a criança a vivências crônicas e estáveis de rejeição ou abandono. [...] Uma criança ansiosa e evitadora tende a ser distante e rejeitar as proximidades amorosas dos outros, pede pouco ou de forma incoerente, portanto recebe pouco e mantém-se carente. Não desperta sentimentos amorosos porque também não os demonstra, não mostra alegria ao ser amada. Por não receber empatia não tem empatia pelos outros, sendo frequentemente implicante, agressiva com outras crianças e estimulando rejeição. Nos dois modelos de apego inseguro, o comportamento habitual da criança tende a estimular respostas desfavoráveis por parte dos pais, professores e outras crianças, mais tarde, de outros adultos e colegas, como decorrência, se estabelece um círculo vicioso.

Considerando a extensão do apego na fase adulta, Montoro (2004) relata que as pessoas de Apego Inseguro Evitativo demonstram desconforto e medo em relação à intimidade, distanciamento afetivo, desconfiança e baixa autoestima. Possuem visão pouco positiva do amor com pouca satisfação nas interações com o parceiro, percepção de que os mesmos se queixam da falta de intimidade. Expressam pouco o sofrimento psíquico e não discutem problemas. Valorizam a autonomia e a vida profissional em detrimento da intimidade. Para Koback e colaboradores (1933), na busca de proximidade e segurança, os sujeitos utilizariam uma estratégia secundária, ocorrendo, portanto, uma desativação do sistema de apego, pois pressupõem, pelo modelo representacional, a rejeição e a indisponibilidade por parte do outro. Assim, contornariam o sofrimento por meio da evitação.

Quanto ao padrão de Apego Inseguro Ansioso Ambivalente, Montoro (2001, p. 51; 57) pontua que o mesmo:

Revela um modelo de relacionamento internalizado baseado em cuidado inconsistente (pais que se revelam disponíveis e prestativos em algumas ocasiões e em outras não). A expectativa é de que o outro será disponível só com muita vigilância e de maneira imprevisível. [...] Uma criança com apego ansioso, ambivalente e grudento vive controlando o comportamento dos pais e os sobrecarrega com demandas de atenção contínua. É uma criança que choraminga, reclama e raramente parece satisfeita porque espera sempre ser frustrada, tem baixa tolerância à frustração, é sujeita a medos e fobias variadas. E dá aos pais ou àqueles que dela cuidam uma sensação de que nunca está bem, que o outro é insuficiente, desencadeia sentimentos de incompetência e autoestima baixa naqueles que a amam, assim como reações de impaciência e rejeição.

A extensão desse padrão de apego na fase adulta, segundo Montoro (2004), é caracterizado pela apresentação de preocupação intermitente com a rejeição e o abandono, desejos de união e excesso de intimidade que prevalece sobre a autonomia, sofrimentos psíquicos frequentes, amplificação de problemas, manifestação de raiva e submissão a fim de ser aceito, ciúmes, sentimento de injustiça e incompreensão. Segundo Koback e colaboradores (1933), na busca de proximidade e segurança, nesses casos ocorreria a utilização de estratégias secundárias, como uma hiperativação do sistema de apego com manifestações exageradas de apego. Isso ocorre porque, na fase de internalização, as figuras de apego falham, provocando, deste modo, um intenso controle, a fim de garantir segurança; verifica-se aqui a pressuposição de uma falha por parte do outro.

Semelhanças e diferenças entre os Estado de Ego e os Padrões de Apego: a formulação de uma hipótese

Após a exposição dos conceitos em questão é possível perceber pontos em comum e pontos divergentes entre Berne e Ainsworth. Frente aos pontos coincidentes dos conceitos temos uma grande aproximação das descrições comportamentais entre: Criança Natural e Apego Seguro, Criança Rebelde e Padrão de Apego Inseguro Ansioso Evitativo e entre Criança Adaptada e o Padrão de Apego Inseguro Ansioso, ocorrendo até mesmo à utilização dos mesmos termos em ambos os autores, como podemos observar no quadro a seguir:

CRIANÇA NATURAL APEGO SEGURO	CRIANÇA REBELDE APEGO I. A. EVITATIVO	CRIANÇA ADAPTADA APEGO I. AMBIVALENTE
Autonomia Criatividade Intimidade	Distanciamento afetivo	Submissão Perda da autonomia

Quadro comparativo a partir da síntese das análise de conteúdo entre os conceitos.

Em relação à diferença entre ambos os conceitos a mesma encontra-se na perspectiva sob as quais partem ambos os autores ao proporem seus conceitos como podemos observar no quadro a seguir:

ERIC BERNE	MARY AINSWORTH
Parte de uma perspectiva dinâmica, ao propor que todos nós ao possuímos as três subdivisões do Estado de Ego Criança vivenciáramos os comportamentos característicos de cada Estado de Ego Criança.	Postula que na relação cuidador-bebê constituiríamos somente um Padrão de Apego e este seria reproduzido posteriormente em nossos relacionamentos e em raros casos esse Padrão sofreria modificações.

Quadro comparativo a partir da posição epistemológica entre dos autores

Assim, ao pensarmos em um possível uso dos Padrões de Apego na Análise Transacional, relacionando-os com os Estados de Ego Criança, seria necessário partir do entendimento de que na relação primária com nossos cuidadores não podemos considerar que os mesmo foram constantemente ausentes, ou constantemente disponíveis, mas que agiram mais de um modo do que de outro e assim estaríamos propícios a estabelecer mais um tipo de Padrão de Apego, assim nossa catexia estaria atuando mais em um determinado Estado de Ego Criança do que em outro. Deste modo, formulamos a hipótese de que, ao diagnosticarmos qual dos Estados do Ego Criança encontra-se mais atuante em uma pessoa em relação a um determinado relacionamento, seria possível pressupor, com base nos Padrões de Apego, como tal relacionamento tenderia a se desenvolver em termos comportamentais tendo por base as descrições comportamentais dos Estados de Ego Criança e dos Padrões de Apego. Partindo desta perspectiva, teríamos três possibilidades, que exemplificaremos em nossa hipótese, a seguir.

João, em seu relacionamento com Maria, encontra-se na maior parte do tempo sob a influência do Estado de Ego Criança Natural; é provável que o Estilo de Apego desenvolvido por ele em relação à Maria seja o Apego Seguro. Poderíamos observar nos comportamentos de João nessa relação a presença de: criatividade, espontaneidade, humor, diversão, curiosidade, autonomia, intimidade, equilíbrio da autonomia e da proximidade e satisfação. Presença de confiança, disponibilidade afetiva, auto-imagem positiva e expectativas positivas

quanto disponibilidade e o cuidado por parte do outro. Demonstração clara de afeto com intimidade, espontaneidade, criatividade e autonomia. Maior tolerância às expectativas negativas de frustração e rejeição.

Manoela, em seu relacionamento com Luiz, encontra-se na maior parte do tempo sob a influência do Estado de Ego Criança Rebelde; é provável que o tipo de Apego desenvolvido por Manoela em relação a Luiz seja o Apego Inseguro Ansioso Evitativo. Assim poderíamos observar em Manoela a presença de comportamentos: desafiantes, provocantes, competitivos, opostos, hostis, desconfiança, baixa autoestima, desconforto, medo e oposição em relação ao afeto e maior proximidade por parte do outro. Valorização da vida profissional, autonomia e independência. Nessa relação poderá ser visualizada a evitação ao contato afetivo e físico e indiferença emocional. Possui uma percepção do outro como não disponível, pressupondo rejeição e abandono. A imagem que se tem de si, do outro e da vida não são favoráveis; ao ir para vida, o sujeito terá um comportamento ansioso evitativo e rejeitador perante o afeto e a aproximação dos outros.

Marta, em seu relacionamento com Gabriel, encontra-se na maior parte do tempo sob a influência do Estado de Ego Criança Adaptada; é provável que o Estilo de Apego desenvolvido por Marta em relação a Gabriel seja o Apego Inseguro Ansioso Ambivalente. Assim poderíamos observar em Marta a presença de comportamentos de submissão, perda da autonomia e da liberdade. Percepção do outro como alguém inconstante, vivendo na expectativa da frustração, rejeição e abandono demonstrando nunca estar bem reclamando e choramingando com frequência. Possui uma imagem de si, do outro e da vida não favoráveis, a vida e as pessoas são vistas como não inconsistentes, inseguras e não confiáveis. Mantém em relação ao parceiro constante vigilância, o que acentua o aspecto comportamental de controle, ansiedade e ciúme. Toda essa movimentação tem como finalidade garantir segurança, afeto, aceitação e presença por parte do outro. Pelas altas demandas de atenção exigidas isso faz com que o parceiro se veja como insuficiente, desencadeando sentimentos de incompetência e baixa autoestima. Por pressupor rejeição e abandono por parte do outro, ocorre manifestação de raiva, sentimentos de injustiça e incompreensão, toda essa movimentação termina por gerar intenso sofrimento psíquico.

O sofrimento psíquico vivenciado no último caso pode ser visualizado no esquema proposto por Martins (2003), elaborado a partir em uma exposição oral de Pierre Weil (1987) sobre o Apego.



Esquema construído por Martins (2003)

O medo da perda iminente do outro gera *stress* e resultará em uma cadeia de pensamentos e emoções envolvendo fantasias catastróficas, que geralmente estão relacionados ao sentimento de não valia, insegurança, rejeição. No caso do Apego Inseguro Ansioso Ambivalente, ao partir de uma pressuposição da falha do outro, a fim de evitar a perda da fonte de afeto, serão ativados comportamentos como sufocamento, invasão do espaço alheio, ciúme, raiva, vigia e controle dos comportamentos do outro. Todo esse movimento termina por resultar em desgastes emocionais, o medo da perda do vínculo por uma pressuposição de rejeição pode resultar de fato em um abandono ou rejeição por parte do outro.

Considerações finais

Ao contemplarmos os Estado de Ego Criança em Eric Berne e os Padrões de Apego em Ainsworth, propusemos-nos a estabelecer um diálogo entre os dois conceitos, considerando as semelhanças e diferenças existentes entre ambos.

Apesar de o conceito de Berne mostrar-se mais dinâmica, pelo fato de todos os indivíduos poderem vivenciar todos os três Estados de Ego descritos pelo autor, o de Ainsworth propõe um único Padrão de Apego, estabelecido na mais tenra infância e posteriormente reproduzido ou modificado, o diálogo entre esses conceitos foi possibilitado pelos seus aspectos semelhantes.

Entre as semelhanças pudemos identificar a utilização das mesmas descrições comportamentais em ambos conceitos. A partir disso, articulamos a junção das mesmas. Para tanto partimos do entendimento de que na relação primária com nossos cuidadores não

podemos pensar que os mesmos foram constantemente ausentes, ou constantemente disponíveis, mas podemos afirmar que agiram mais de um modo do que de outro, e assim estaríamos propícios a estabelecer mais um estilo de apego.

Assim levantamos a possível hipótese de que, ao diagnosticarmos o Estado de Ego Criança mais atuante em um determinado relacionamento, é possível pressupor, com base nos Padrões de Apego, qual estilo de apego se desenvolveria e quais comportamentos tenderiam a ser expressos. Observamos, nos três casos hipotéticos apresentados, três possíveis configurações comportamentais existentes: Estado do Ego Criança Natural e Apego Seguro, Estado do Ego Criança Rebelde e Apego Ansioso Evitativo, Estado do Ego Criança Adaptada e Apego Ansioso Ambivalente.

Acreditamos que o presente estudo pode constituir uma contribuição na prática clínica na Análise Transacional. Contudo, para confirmação da hipótese aqui levantada, de uma possível relação entre os Estados de Ego e os Padrões de Apego, assim como a confirmação das características comportamentais descritas acima, a proposta deve ser submetida a uma pesquisa aplicada.

Referências

- AINSWORTH, M. D.; BLEHAR, M. C.; WATERS, E.; WALL, S. **Patterns of attachment: a psychological study of the strange situation**. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1978.
- BERNE, E. **Transactional analysis in psychotherapy: A systemic individual and social psychiatry**. New York: Grove Press. 1961.
- BERNE, E. **Os jogos da vida: a psicologia transacional e o relacionamento entre as pessoas**. Tradução E. Artens. Rio de Janeiro: Artenova, 1974. 174 p.
- BERNE, E. **Estrutura e dinâmica das organizações e dos grupos**. UNAT-BRASIL (Circulação Restrita). Philadelphia: Grove-Evergreen, 1966. 270 p.
- BERNE, E. **Análise transacional em psicoterapia**. Tradução Lúcia Helena Cavasin. 2. ed. São Paulo: Summus, 1985. 243 p.
- BERNE, E. **O que você diz depois de dizer olá?: a psicologia do destino**. Tradução Rosa R. Krausz. 2. ed. São Paulo: Nobel, 2007. 357 p.
- BOWLBY, J. **Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego**. Porto Alegre: Artes Médicas; 1989.
- BOWLBY, J. **Apego: a natureza do vínculo**. Tradução Álvaro Cabral. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002. 496 p. (v. 1 da trilogia Apego e perda)

- BOWLBY, J. **Separação: angústia e raiva**. Tradução Leônidas Hegenberg, Mauro Hegenberg, Octanny S. da Mota. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004. 516 p. (v. 2 da trilogia Apego e perda).
- BOWLBY, J. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. Tradução Álvaro Cabral. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006. 236 p.
- DUSAY J. M. Os Egogramas e a Hipótese de Constância In: **UNIÃO DOS ANALISTAS TRANSACIONAIS (Org). Prêmios Eric Berne**. 4. ed. Porto Alegre: UNAT-BR, 2010. 312 p.
- ERSKINE, R.; TRAUTMANN, R. **Análise do Estado de Ego: uma visão comparativa** 1998. , pp. 30 -41. Original public ado in: **Transactional Analysis Journal**, v. 11, n. 2, abr. 1981, pp. 178-185.
- JAMES, M.; JONGEWARD, D. **Nascidos para vencer: Análise Transacional com Experiências Gestalt**. São Paulo: Brasiliense, 1975. 277p.
- KOBAK, R.; COLE, H.; FLEMING, W.; FERENZ-GILLIES, R.; GAMBLE, W. Attachment and emotion regulation during mother-teen problem-solving: a control theory analysis. **Child Development**, n. 64, 1993, pp. 231-245.
- KERTÉSZ, R. **Análise Transacional ao Vivo**. São Paulo: Summus, 1987. 167p.
- KRAUSZ, R. R. **Trabalhabilidade**. São Paulo: Nobel, 1999. 179 p.
- MARTINS, S. **A mãe no terceiro milênio**. São Paulo: Butterfly, 2003. 143p.
- MANTELLI, F. L.; PINHEIRO, M. C. S. M. **Apego nas relações íntimas entre adultos: uma visão teórica**. 2011. 32 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psicologia Conjugal e Familiar) – Faculdade Ruy Barbosa, Salvador, 2011. Disponível em: < http://www.cefacbahia.org.br/pag_internas/publicacoes/pdf/historico/tcc_FMC05042011.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2014.
- MONTORO, G. M. C. Apego. In: CASTILHO, Tai (Org.). **Temas em Terapia Familiar** São Paulo: Sumuns, 2001. pp. 40-81.
- MONTORO, G. M. C. Amor conjugal e padrões de relacionamento. In: VITALE, Maria Amalia Faller (Org.). **Laços amorosos: terapia de casal e psicodrama**. São Paulo: Ágora, 2004. pp. 101-133.
- STEWART, I. JONES, V. T **A Today: A New Introduction to Transactional Analysis**. Lifespace Publishing. 1991. 118 p.
- WOOLLAMS, S.; BROWN, M. **Manual completo de análise transacional**. Tradução Otávio Mendes Cajado. São Paulo: Cultrix, 1979. 256 p.